

TOPONÍMIA E ARQUITECTURA DAS ORDENS MILITARES EM PORTUGAL: A MEMÓRIA DO ORIENTE LATINO

NUNO VILLAMARIZ OLIVEIRA*

Resumo: As ordens militares, ao combinarem a obediência monástica com as exigências da guerra, continuam a levantar nos nossos dias diversas perplexidades, quer no âmbito do pensamento e espiritualidades medievais quer ainda nas áreas da Arqueologia e História da Arte. No território português, a arquitectura militar e religiosa de organizações internacionais como o Templo ou o Hospital reflecte, de modo muito intenso, a lembrança do distante – mas sempre presente – Oriente Latino e da sua topografia sagrada. A estreita relação que se estabelece entre a toponímia e a arquitectura espelha o ambiente mental vivido por estas ordens, projectando novas leituras no entendimento dos paralelos que, a vários níveis, se estabeleceram nos séculos XII e XIII entre os estados da Terra Santa e Portugal.

Palavras-chave: Ordens militares; Espiritualidade; Arquitectura; Toponímia.

Abstract: The military orders, by combining monastic obedience with the demands of war, still raise nowadays several perplexities, either in what concerns the medieval mentality and spirituality or in the fields of Archaeology and History of Art. In the Portuguese territory, the military and religious architecture of international organizations like the Temple or the Hospital mirrors, in an acute way, the distant – but always present – memory of the Latin East and its sacred topography. The deep relation existing between the toponymy and the architecture reflects the mental ambience lived in these orders, and encourages new interpretations in the comprehension of the parallels that have been established, on different levels, in the 12th and 13th centuries between the states of the Holy Land and Portugal.

Keywords: Military Orders; Spirituality; Architecture; Toponymy.

* IHA/ IEM – FCSHUNL. catnuvol@gmail.com.

Nas últimas décadas a historiografia tem vindo a enriquecer diversos aspectos relativos às Ordens Militares, corporações que constituíram um apoio militar inestimável para os monarcas no nascimento e afirmação do reino de Portugal. Apesar desses assinaláveis desenvolvimentos, uma das áreas que ainda contém muitas incertezas prende-se com a avaliação, para cada milícia, das influências múltiplas que se estabelecem entre as suas possessões e castelos do Oriente Latino e os seus contemporâneos na Europa e, em particular, na península hispânica. A ida de cruzados à Terra Santa, e o seu ulterior retorno aos países de origem, contribuiu para uma intensa troca de conhecimentos, nomeadamente nas artes de fortificar, e para a sua aplicação prática. De Portugal ao Império Romano-Germânico, da península itálica às ilhas britânicas, o velho continente apresenta uma acentuada variabilidade quer em termos de edificações militares quer no grau de influência que essas mesmas fortificações denotam relativamente às suas congéneres do Mediterrâneo Oriental. No domínio da História da Arte, se observarmos o universo das Ordens Militares, instituições presentes em diversas geografias de combate, verificamos a sua importância enquanto organizações que estabelecem essa ponte. Apesar da complexidade e relativa incerteza no estudo de muitos aspectos culturais e mentais inerentes a essas milícias, se existe área que permite, com maior segurança, avaliar a influência do Oriente no Ocidente ela é a do estudo dos seus recintos fortificados e da toponímia que lhes está associada. Essa analogia é especialmente patente em Portugal e estende-se a outros reinos da península hispânica, onde podemos observar um fenómeno de imposição de certos nomes de castelos e povoados associados ao combate na Terra Santa, numa intencionalidade notável. Os paralelos que se estabelecem entre a actuação das Ordens Militares a Oriente e a Ocidente evidenciam uma ligação estreita entre a história dos estados latinos e o caso português, abrindo novas perspectivas e perplexidades.

Como destacou Jonathan Riley-Smith, a maior relevância historiográfica dada à componente militar de Ordens como o Templo ou o Hospital tem relativamente subestimado o plano espiritual, religioso e monástico, a elas inerente¹. Deste modo, no âmbito das matérias que afectam o pensamento e a arte destas milícias internacionais, a toponímia é de importância crucial para o esclarecimento desses assuntos. Embora compreender o motivo da atribuição de um determinado nome a um lugar não seja uma actividade fácil, esse estudo parece fornecer elementos de análise fundamentais para a pesquisa destas organizações e, em particular, para o entendimento da sua mentalidade de combate espiritual, tal como as ordens religiosas. Assim, neste último contexto, deve ser assinalado o exemplo dos Cistercienses, pois esta ordem repete várias vezes, em países distintos, as designações

¹ RILEY-SMITH, 2010: 2.

das suas abadias-mãe, como Clairvaux, transposto para a península itálica (*Clara Vallis* e *Chiara Valle*), França (*Vauclair*) ou Catalunha (*Vall Clara*). No entanto, se observarmos a atribuição de nomes às fortificações cristãs na Terra Santa, verificamos que muitos lugares possuíram várias designações. As fontes documentais têm indicado topónimos árabes, francos e latinos, mas uma certa arbitrariedade nas denominações tem sido inevitável dada a impossibilidade em se determinar uma regra aceitável. Uma correspondência entre geografia e toponímia foi salientada por Paul Deschamps para muitas das possessões dos Cruzados². Por vezes, o nome árabe foi adaptado por homofonia ao latim ou sobretudo ao francês, como Azaz por *Hazart*, Tripoli por *Triple* ou Yebna por *Ibelin*. Noutras ocasiões ele foi traduzido, como no exemplo de Qal'at Yahmour por *Chastel Rouge*, ou, numa situação limite, formaram-se novos nomes. A este derradeiro grupo pertencem os nomes francos de *Beaufort*, *Belvoir*, *Blanchegarde*, *Chastel-Arnaud*, *Chastel Pèlerin*, *La Roche Guillaume*, *Monfort* e *Montreal*. No que se refere aos topónimos associados às Ordens Militares, procuraremos de seguida acrescentar alguns dados para esta problemática, tomando como paradigma o panorama português.

A Ordem do Templo constitui, em diferentes áreas de estudo, um caso significativo. Tudo leva a crer que o acto de nomear um lugar seja, nalgumas circunstâncias, anterior à edificação de estruturas arquitectónicas. No que se refere à toponímia templária, o problema da supressão dos arquivos desta milícia, ou, no plano português, a falta de uma publicação sistemática das fontes existentes, talvez explique, em boa parte, o motivo pelo qual a historiografia não tem conseguido fornecer uma visão completa de muitos assuntos emergentes. No Portugal dos séculos XII e XIII, de uma extensa lista de topónimos de possessões templárias que se poderiam nomear, salientaremos os que nos parecem mais significativos na relação mental com o Oriente Latino, quer em termos de simultaneidade cronológica quer em termos da antropologia dos espaços arquitectónicos³. Começando na década de vinte do século XII, a Ordem do Templo é a primeira estrutura militar a actuar de forma decisiva no território e, ao que tudo indica, por constituir uma organização fortemente ligada ao processo de independência em curso. Mas deve igualmente ser destacada a sua presença precoce em Portugal no contexto internacional da milícia, assunto ainda pouco debatido pelos investigadores. De facto, se observarmos o mapa da cronologia das primeiras possessões templárias na Terra Santa e no ocidente europeu, verificamos que o castelo de Soure é, em 1128, de acordo com a documentação fidedigna que chegou aos nossos dias em diferentes latitudes, a primeira fortificação doada à Ordem do Templo em todo o espaço de combate ao

² DESCHAMPS, 1972: 247-249.

³ OLIVEIRA, 2010: 222-240.

Soure - Soûr (transliteração para Francês / Português) - Sur (Árabe) - Zor (Hebraico)
> Tiro (Reino de Jerusalém)

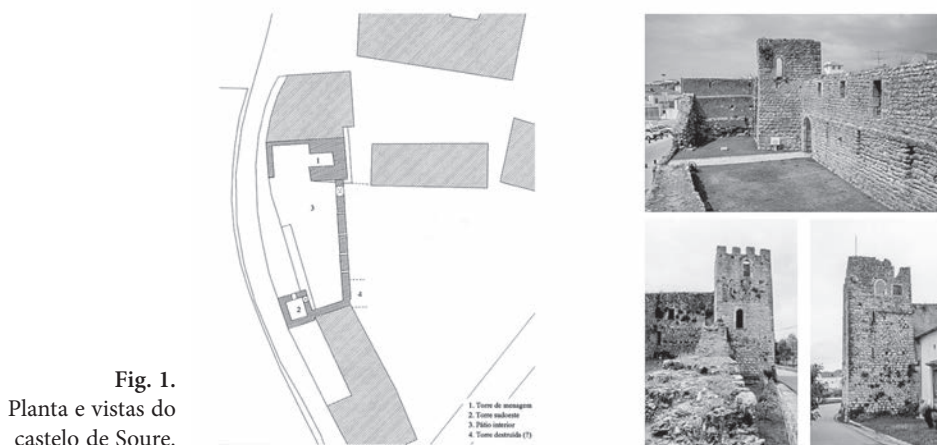


Fig. 1.
Planta e vistas do
castelo de Soure.

Islão. Outro aspecto deve também ser salientado, e advém do facto de este topónimo (Fig. 1) ter uma fonética semelhante à que foi empregue pelos árabes no porto de Tiro. A conquista pelos cruzados desta importante cidade do Mediterrâneo Oriental, em 1124, chamada de *Soûr* por transliteração francesa, ou simplesmente *Sur*, foi efusivamente celebrada pelas hostes cristãs, naquela que veio a constituir, antes da batalha de Hattin, a principal cidade portuária do Reino de Jerusalém.

Apesar de ser pouco conhecida a história da milícia na sua primeira década de existência, sabemos que a partir de 1120 já estaria formado um pequeno contingente de membros e que, antes da sua aprovação conciliar em Troyes, no ano de 1129, já disporia de uma organização militar assinalável. A presença destes cavaleiros em Tiro está documentada para o século XII através da posse da sua *domus Templi* e de diversas propriedades, como refere Denys Pringle⁴. Poderemos inferir que os Templários estiveram activamente presentes na conquista de Tiro e tal ter constituído um feito memorável para o ânimo de uma milícia recentemente constituída? Se tomarmos o estudo da toponímia como guia para a recolha de uma série de indícios entrelaçados, talvez se compreenda pela mentalidade de espiritualidade combatente inerente à Ordem do Templo o porquê da atribuição, ou *descoberta*, do nome Soure à primeira fortificação templária no espaço português, numa cronologia que parece seguir de muito perto os acontecimentos da mesma milícia no Oriente Latino. Em paralelo, também ao nível das técnicas de defesa, como salientou Mário Barroca, os Templários trouxeram para o Ocidente

⁴ PRINGLE, 2010: 229.

peninsular, e começando em Soure, uma série de inovações construtivas importadas presumivelmente da Terra Santa, casos, entre outros, do alambor, das torres flanqueantes ou da torre de menagem⁵. Esta última, que constitui um dos principais elementos definidores de uma tipologia de fortificação templária, está presente neste e depois em todos os castelos erguidos por esta milícia em Portugal. Tudo parece indicar que foram os Templários os responsáveis pela introdução pioneira destes novos mecanismos de defesa passiva e activa, e pela sua difusão em larga escala no território. Infelizmente para a nossa análise, se é escasso o conhecimento do castelo de Tiro⁶ e pouco subsistiu da sua cidade medieval para se poder estabelecer algum paralelismo mais seguro com Soure, também neste caso a falta de suporte da arqueologia não tem permitido uma leitura mais adequada do seu castelo e da urbe. No âmbito da Segunda Cruzada, um outro paralelo toponímico a assinalar entre a península hispânica e o Oriente latino é a cidade catalã de Tortosa e a sua homónima Tartous, na costa do Condado de Tripoli, ambos enclaves pertencentes à Ordem do Templo.

Avançando para o sul do território português e para a defesa do curso do rio Tejo, alguns anos depois, o caso de Tomar é, porventura, entre todos os exemplos em análise, o mais surpreendente. Se, para alguns autores, o nome pode derivar de um genitivo germânico de denominação suevo-visigótica, como *Theodemari*, outros sustentam a sua origem árabe, resultante de uma suposta designação do rio. Contrariamente a estas hipóteses, a interpretação que defendemos assenta no pressuposto de que o nome da sede dos Templários no reino de Portugal tem um significado próprio e indissociável da espiritualidade combatente desta milícia. De facto, se, anteriormente à presença templária nesse lugar, as referências escritas ao *nomen Thomar* são nulas, após o estabelecimento dos cavaleiros nesse local a situação inverte-se radicalmente. A primeira ocorrência do topónimo *Thomar* remonta a 1160, concretamente numa lápide existente na torre de menagem do castelo⁷. Temos razões para acreditar que na origem deste topónimo esteja presente um título plurisignificante, sob a forma de uma abreviatura do nome da milícia, podendo sugerir alguma diversidade de significados latinos. Segundo a nossa leitura, nele está concentrada uma ideia exacerbada de posse, como se o seu nome fosse constitutivo da sua essência, conferindo-lhe poder e significado. Numa primeira análise, as letras iniciais *Th* parecem remeter para a contracção da expressão latina *Templi Hierosolymitani*, o Templo de Jerusalém, cujos guardiões eram precisamente os cavaleiros templários, e que a Rotunda

⁵ BARROCA, 1996/1997: 171-209.

⁶ PRINGLE, 2010: 130.

⁷ BARROCA, 1995: 230-234.

Tomar - Thomar - (acrónimo) > Jerusalém / Templo de Jerusalém (Reino de Jerusalém)
Templi Hierosolymitani Ordinis Magister(ium)
 Mestre - ou Magistério - da Ordem do Templo de Jerusalém



Fig. 2.
 Vistas do castelo de
 Tomar.

evoca (Fig.2). Além disso, defendemos que a palavra Thomar poderá advir de um acrónimo resultante da denominação latina *Templi Hierosolymitani Ordinis Magister*, que significaria precisamente Magistério – ou Mestre – da Ordem do Templo de Jerusalém. Embora não tenhamos, até à data, provas documentais paleográficas ou epigráficas do uso sequencial dessa expressão, a definição antropológica do recinto defensivo parece sustentar, no nosso entender, esta leitura. Para a Ordem do Templo em Portugal, o *nomen Thomar* parece indicar uma multiplicidade simbólica, de influência cisterciense, inerente a todo o antigo recinto fortificado, englobando o Castelo, mosteiro anexo, Rotunda e restante cidade muralhada, associado à memória do lugar símbolo da salvação, numa representação mental evocando a Cidade Santa e o centro simbólico do nascimento da milícia e sua casa-mãe. Além disso, exegeticamente, o Templo de Jerusalém constituiria, para o espírito cristão do século XII e para o templário em particular, o lugar – da contemplação e da acção – associado a acontecimentos e profecias do Antigo Testamento, a episódios da vida da Virgem e de Cristo e, finalmente, às visões do Livro do Apocalipse. De resto, em diversas representações cartográficas de Jerusalém dos séculos XII e XIII, o Templo figura no centro superior da cidade, parecendo suplantar o significado litúrgico do Santo Sepulcro, numa tendência que persiste até ao início da Idade Moderna⁸.

No final do século XII, outra organização internacional, a Ordem do Hospital, adquire em Portugal um estatuto militar, alterando a sua primitiva feição de cariz assistencial, sobretudo após a doação da Herdade de Guidintesta, em 1194. Apesar de presente no mosteiro de Leça do Balio, sua primeira casa capitular, desde o final da década de vinte, só naquele ano, através da edificação do castelo de Belver, se

⁸ Exemplos disso são, entre outros, o *Mapa de Jerusalém*, da Koninklijke Bibliotheek, em Haia, de cerca de 1170, ou a *Vista de Jerusalém*, da obra *Peregrinatio in Terram Sanctam*, de Erhard Reuwich, datada de 1483.

Cáceres - Cazzeres/ Cazzeres/ Gazeres > Gaza (Reino de Jerusalém)

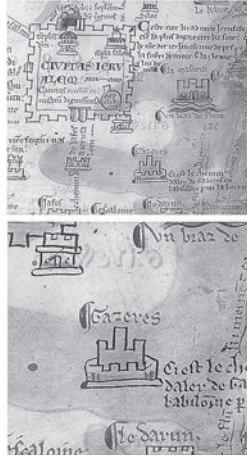
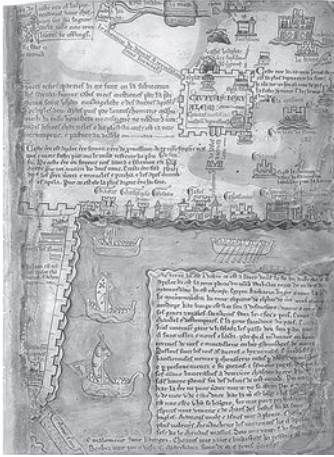
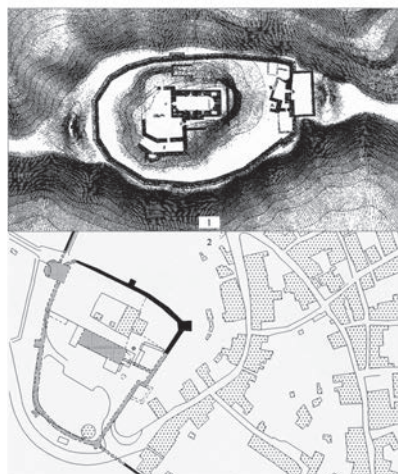


Fig. 3. Mapa da Palestina, de Matthew Paris, com o pormenor da representação de Gaza (British Library, MS. 14.C.VII, f. 4v-5.).

define como importante corpo guerreiro, e em clara competição territorial com a Ordem do Templo. A construção deste recinto defensivo na margem direita do rio Tejo insere-se num contexto singular para a Ordem do Hospital, dado que D. Afonso, filho bastardo do primeiro rei português, é na altura o 12º Grão-Mestre internacional da milícia. Também aqui se assiste a uma transposição toponímica peculiar, neste caso relacionada com o facto de a principal fortificação hospitalária do Reino de Jerusalém ser Belvoir, construída por estes cavaleiros entre 1168 e 1187, e que tem sido considerado como (um dos principais exemplos) o primeiro registo de castelo de planta centralizada erguido pelos cruzados⁹. O exemplo português repete o esquema de planta centralizada, não o esquema quadrangular *quadriburgium* do modelo de referência mas um plano de tendência circular. Se observarmos a extensa geografia da Ordem do Hospital na orla do Mediterrâneo, verificamos a existência de uma série de lugares homónimos de Belver que, na sua maior parte, pertenceram a esta milícia, como Beauvoir (no Peloponeso), Belvedere (em Itália), Belveer (na ilha de Maiorca), Bellver (em Lérida e Gerona) e Belver (em Huesca e Zamora). Um caso análogo a merecer reflexão é o da cidade de Cáceres, local que, na segunda metade da centúria, constituirá a sede da Irmandade dos cavaleiros de Cáceres, futura Ordem de Santiago. Tal lugar, na Estremadura leonesa e na proximidade da fronteira portuguesa, para o qual tem sido defendida uma etimologia romana ou árabe, parece ser, segundo o nosso entendimento, outro exemplo de transposição toponímica de origem oriental. De facto, se observarmos o *Mapa da Palestina* de Matthew Paris (Fig. 3) encontramos um importante dado que nos

⁹ BOAS, 2006: 122-125.

Castelo Branco > *Chastel Blanc - Safita* (Condado de Tripoli)

1 - Planta de Chastel Blanc - Safita (Condado de Tripoli) - segundo E. G. Rey

2 - Planta de Castelo Branco - com reconstrução conjectural do antigo castelo

Fig. 4.
Plantas dos castelos
de Castelo Branco e
Chastel Blanc.

indica uma origem etimológica da cidade de Cáceres diferente da que tem vindo a ser defendida¹⁰. Na realidade, cremos que este topónimo (*Cazzeris/Cazzeres*) advém, de um modo directo, do nome *Gazeres*, isto é, da cidade de Gaza, junto à costa do Mediterrâneo. Assim, nesta leitura, admitimos que, para as ordens hispânicas como as de Montegaudio e de Santiago, embora tenham actuado quase exclusivamente no espaço peninsular, o nome desta urbe leonesa estaria associado à necessária militarização do Ocidente peninsular, por evocar igualmente, e numa relação estreita, a memória dos constantes combates que naquela outra cidade oriental de fronteira, ou mesmo em Áscalon, ocorreram neste período conturbado.

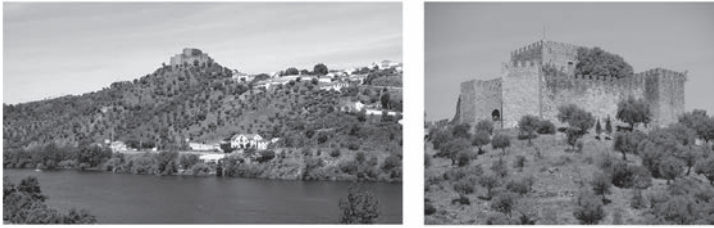
A história do Reino de Jerusalém é marcada pela perda da Cidade Santa, em 1187, ferida profunda no ânimo cristão, e em particular na Ordem do Templo, que deixa a sua sede física e simbólica. A milícia, ao redefinir o seu corpo guerreiro nos estados latinos do Oriente, irá concentrar o seu novo centro em Chastel Blanc¹¹, no Condado de Tripoli, que, no ano seguinte, resiste à investida de Saladino. Possivelmente por estes motivos, os Templários portugueses decidem erguer um lugar homónimo (Fig. 4), Castelo Branco, outro caso paradigmático da estreita relação que se estabelece entre a toponímia e a antropologia de um recinto fortificado. Neste reduto, as semelhanças ultrapassam a analogia toponímica, projectando-se na definição geral de toda a arquitectura militar erguida pelos cavaleiros templários¹².

¹⁰ Matthew Paris, na representação de Gaza, nomeia esta cidade como *Gazeres*. British Library, MS. 14.C.VII, f. 4v-5.

¹¹ KENNEDY, 1994: 142.

¹² OLIVEIRA, 2010: 563-581.

Belver (1194) > *Belvoir* (Reino de Jerusalém)



**Crato (1232) > (*Le*) *Crat* - Crac des Chevaliers -
Hosn-al-Akrad - *Castrum Crati* (Condado de Tripoli)**

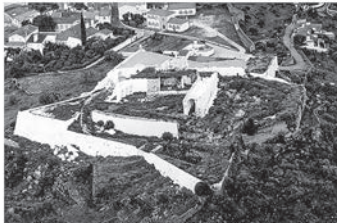


Fig. 5.
Vistas dos castelos de
Belver e do Crato.

É interessante verificar que, a partir do início do século XIII, como bem sustentou José Manuel Capêlo, aqui se irão concentrar as linhas gerais da actuação da Ordem do Templo em Portugal, o seu combate efectivo, atingindo uma preponderância operacional superior à de Tomar¹³. De facto, apesar de os Mestres continuarem a ser sepultados nesta cidade, no Panteão dos Mestres, em Santa Maria do Olival, foi em Castelo Branco que se realizaram diversos Capítulos-Gerais da milícia. Além disso, sobretudo durante o Mestrado de D. Pedro Alvito (1212-1221), mestre templário simultaneamente em Portugal, Leão e Castela, a concentração de esforços numa nova urbe evocaria o distante, mas sempre presente, símbolo da resistência no Oriente, o novo quartel-general da Ordem, Chastel Blanc, que, na altura da sua destruição pelo sultão do Egipto, Baybars, em 1271, tinha um corpo militar de 700 homens¹⁴.

A primeira metade do século XIII conhece ainda em Portugal outro exemplo notável de transposição toponímica de atribuição de importantes nomes de lugares do Oriente para o Ocidente, agora da Ordem do Hospital (Fig. 5). De facto, a inspiração no célebre Crac des Chevaliers, no Condado de Tripoli, também designado *Hosn-al-Akrad* – o castelo dos Curdos – *Castrum Crati* ou simplesmente *Le Crat*, para muitos o melhor bastião edificado pelos cristãos no período das Cruzadas, explica o porquê da atribuição, em 1232, do topónimo Crato à vila que veio a ser, a partir de meados do século XIV, a sede dos cavaleiros hospitalários portu-

¹³ CAPÊLO, 2003.

¹⁴ BOAS, *op. cit.*, 112.

gueses, à semelhança do que antes havia sucedido com Belver. Segundo Laurent Dailliez, enquanto este castelo detinha uma influência regional, nele residindo um Comendador, o Crato era a residência de um Grão-Priorado, que dispunha de um poder nacional¹⁵. Se o Crac tem vindo a conhecer a atenção e o reconhecimento da comunidade científica desde o século XIX, tendo infelizmente sofrido danos com a actual guerra na Síria, o castelo português tem sido sujeito a um continuado esquecimento, e sucessivamente descaracterizado até à actualidade, tornando quase impossível estabelecer uma leitura adequada do seu antigo recinto.

O estudo das Ordens Militares projecta nos nossos dias novos horizontes na compreensão do pensamento cristão e das mentalidades dos séculos XII e XIII. Um conjunto de dados interligados indicia que carece de revisão o alcance exercido por estas organizações, faltando nomeadamente compreender a importância do ramo português nas estruturas internacionais de cada uma das Ordens, do Templo e do Hospital. Nesta exposição, numa leitura antropológica, tomando a toponímia como guia numa série de indícios cruzados em simultaneidade histórica, pretendemos destacar alguns exemplos deste fenómeno de transposição de nomes de lugares que nos parecem elucidativos do ambiente espiritual vivido quer por Templários ou Hospitalários, quer, porventura em menor grau, pelas milícias de formação hispânica. Em Portugal e noutros reinos da península muitos são os topónimos de génese medieval cuja origem permanece obscura e necessitando de trabalhos mais aprofundados. Finalmente, cremos que a correspondência existente entre as designações atribuídas aos lugares e a arquitectura militar neles erguida pelas milícias aponta novas perspectivas no esclarecimento da história destas Ordens, demonstrando a forte relação mental por elas estabelecida entre o Oriente Latino e o Ocidente peninsular.

FONTES

British Library, *Mapa da Palestina*, Matthew Paris, MS. Royal 14.C.VII, f. 4v-5.

¹⁵ DAILLIEZ, 1977: 32.

BIBLIOGRAFIA

- BARROCA, Mário (1995) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, vol. II, tomo I. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de doutoramento.
- (1996/1997) – *A Ordem do Templo e a Arquitectura Militar Portuguesa do Século XII*. «Portugalia», Nova Série, Instituto de Arqueologia, vol. XVII-XVIII. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- BOAS, Adrian J. (2006) – *Archaeology of the Military Orders*. Londres/Nova Iorque: Routledge.
- CAPÊLO, José Manuel (2003) – *Portugal Templário – Relação e sucessão dos seus Mestres [1124-1314]*. Lisboa: Arion.
- DAILLIEZ, Laurent (1977) – *L'Ordre de Saint-Jean au Portugal, XI-XV siècles*. Nice: Alpes-Mediterranee Editions.
- DESCHAMPS, Paul (1934) – *Les Châteaux des Croisés en Terre Sainte – Le Crac des Chevaliers*, vol.I. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner.
- (1939) – *Les Châteaux des Croisés en Terre Sainte – La Défense du royaume de Jérusalem*, vol.II. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner.
- (1972) – *Au Temps des Croisades*. Paris: Hachete.
- (1973) – *Les Châteaux des Croisés en Terre Sainte – La Défense du comté de Tripoli et de la principauté d'Antioche*, vol.III. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner.
- KENNEDY, Hugh (1994) – *Crusader Castles*. Cambridge: Cambridge University Press.
- OLIVEIRA, Nuno Villamariz (2002) – *A influência do Oriente em Portugal através da arquitectura militar templária: o paralelo entre Chastel Blanc e Castelo Branco*. In *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magrebe (500-1500)*, *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*. Lisboa: Colibri.
- (2010) – *Castelos Templários em Portugal (1120-1314)*. Lisboa: Ésquilo.
- PRINGLE, Denys (2010) – *The Churches of the Crusader Kingdom of Jerusalem: a corpus*, vol. IV. Cambridge: Cambridge University Press.
- REY, Emmanuel-Guillaume (1871) – *Étude sur les monuments de l'architecture militaire des Croisés en Syrie et dans l'île de Chypre*. Paris, [s.n].
- RILEY-SMITH, Jonathan (2010) – *Templars and Hospitallers as professed religious in the Holy Land*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press.

